**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG**

 **DIRETORIA DE PESQUISA**

**DIVISÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

 **DIVISÃO DE INICIAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E INOVAÇÃO**

 **PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, INICIAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E INOVAÇÃO E INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM NÍVEL MÉDIO - 2022-2023**

**VIAGEM, PAISAGEM E IDENTIDADE NAS NARRATIVAS DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**

Lucas Gabriel Verdiano dos Santos – (Fundação UNESPAR)

Unespar/*Campus* Paranaguá, lucas\_gabrielverdiano@hotmail.com.br

Cristiane Pagoto - orientadora

Unespar/*Campus* Paranaguá, cris.pagoto@unespar.edu.br

Modalidade: (Pesquisa)

Programa Institucional: Programa de Iniciação Científica

Grande Área do Conhecimento: Letras

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho de Iniciação Científica, desenvolvido no período de 2022-2023, teve como objetivo central uma investigação sobre o tema da viagem, da paisagem e da identidade presente na narrativa “Duelo”, que integra o livro *Sagarana*, de João Guimarães Rosa. O estudo expõe uma problemática diante do entrelaçamento destes três conceitos que convergem para o sentido de travessia.

Várias narrativas rosianas são marcadas pela temática da viagem, por isso trata-se de um leitmotiv importante na produção do autor. Por meio da leitura de vários teóricos, a pesquisa objetiva analisar como o deslocamento no tempo e no espaço cria e recria novos horizontes de paisagens, de subjetividades e de pensamentos.

A leitura de “Duelo” busca aquilo que Roland Barthes define como vocação para a escritura, como travessia no sentido de texto indevassável, dinâmico e aberto, algo que “não pode parar; [pois] o seu movimento constitutivo é a travessia” (BARTHES, 2004, p. 67). Travessia como a de Riobaldo, e como as de Turíbio Todo e Cassiano Gomes, protagonistas de “Duelo”, na qual viagem e paisagem se confundem com o existir, com o “homem humano”, e que revelam os enigmas intrincados das chegadas e partidas, dos caminhos do sertão, dos indivíduos que nele atravessam

A travessia inesgotável pela leitura do texto coloca o leitor diante de um dilema bastante atual: diante de um mundo construído quase todo virtualmente, qual a função de convocar os estudos da paisagem para o cerne do debate literário? Se o advento da sociedade da informação, da fascinação por imagens e por um mundo virtual, pelo ciberespaços, tudo isso que pode ser nomeado de antipaisagem faz com que indivíduos modernos percam o contato com o mundo que nos rodeia, então, a função da literatura e dos estudos da paisagem é nos reconectar com o real, no sentido pleno de interação e de colaboração.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

O trabalho utilizou-se de pesquisa bibliográfica e de análise textual. Como aporte teórico, para os estudos da paisagem, apoiou-se nos estudos de Michel Collot, em *Poética e Filosofia da Paisagem* (2013); para entender os aspectos transcendentais da viagem, foram utilizados os conceitos propostos por Benedito Nunes em “A viagem”, presente no livro *A Rosa o que é de Rosa* (2013); e para a definição de identidade a teoria elaborada por Stuart Hall (2006).

Realizada a primeira etapa da pesquisa, o levantamento teórico, passou-se à leitura de algumas narrativas de Rosa que abordam como temática principal a viagem. “Duelo” foi a narrativa que melhor apresentou uma intersecção entre os três elementos teóricos selecionados para análise. Após a leitura da narrativa, são apresentados alguns sentidos possíveis, sempre buscando investigar como os temas relacionados à viagem dialogam com a paisagem e a identidade.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para empreender uma investigação aprofundada e construir uma argumentação substancial sobre o tema proposto, é essencial iniciar com uma análise criteriosa das definições associadas a cada um dos tópicos que serão examinados: viagem, paisagem e identidade. Compreender as definições literais de cada assunto é apenas o primeiro passo; é igualmente crucial adentrar nas suas concepções teóricas subjacentes.

Delinear as bases teóricas de cada um permitirá uma exploração mais profunda das suas implicações e significados. Ao compreender as teorias que os sustentam, torna-se possível entender as conexões entre esses temas aparentemente distintos e identificar possíveis áreas de intersecção. Isso, por sua vez, oferecerá uma oportunidade valiosa para a construção de uma narrativa coesa e significativa.

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS DA EXPLORAÇÃO DA PAISAGEM NA VIAGEM**

Sabe-se que a mera compreensão das teorias individuais não é suficiente. A verdadeira experiência de pesquisa e de argumentação surge quando se incorpora diferentes conceitos estudados em um quadro coerente. Integrar essas ideias aparentemente separadas pode resultar em perspectivas surpreendentes e, ainda, na identificação de padrões que não seriam discerníveis de outro modo. Esse processo de síntese é o que irá orientar a tese, conferindo-lhe profundidade e substância. Portanto, a travessia intelectual para a compreensão plena do tema não se limita apenas a definir os termos em seu sentido mais básico. Em vez disso, é um mergulho profundo nas teorias que os sustentam e, em última análise, na habilidade de entrelaça-las em uma concepção coesa de conhecimento. Esse processo não apenas fortalece a argumentação, mas também enriquece a compreensão global dos tópicos em estudo. Os temas a serem estudados, conforme já mencionados, são: paisagem, viagem e identidade. Temas que estão presentes em diversas obras rosianas e que atravessam a narrativa escolhida: “Duelo”.

**Paisagem**

 No âmbito da percepção comum, a paisagem é frequentemente entendida como o espaço geográfico que se estende até o horizonte, quando contemplada a partir de um determinado ponto de vista. Contudo, na esfera literária, a concepção de paisagem adquire uma dimensão mais rica. Ela se transforma em um espaço inspirador no qual ocorre uma interação singular entre o observador e o "outro" – esse "outro" representa o ambiente externo, desencadeando uma jornada introspectiva no indivíduo.

 Tal interação se traduz em uma simbiose entre o subjetivo e o externo, que se entrelaçam de forma orgânica na mente daquele que observa. A paisagem deixa de ser uma mera imagem estática para se converter em uma força dinâmica que molda e é moldada pelo olhar subjetivo. Assim, a transformação da paisagem se espelha na perspectiva do observador, ao mesmo tempo em que a transformação do observador se reflete na percepção da paisagem.

 Dessa forma, a paisagem transcende sua representação física e adquire uma dimensão psicológica e emocional. Ela se converte em um portal para a exploração interior do indivíduo, um catalisador que desencadeia reflexões e conexões profundas. Essa relação dinâmica entre o sujeito e a paisagem enriquece a experiência humana, possibilitando uma dança constante de influências entre o exterior e o interior.

 Em resumo, além de ser um espaço visual, a paisagem se transforma em um cenário de troca subjetiva e significativa entre o observador e o ambiente que o cerca. Essa interação não apenas modifica a perspectiva da paisagem, mas também molda a percepção e a compreensão do observador, criando um ciclo de influências que enriquecem a experiência vivida e a interpretação do mundo ao seu redor.

 Conforme afirma Michel Collot (2013), talvez seja necessário pensar que paisagem é um espaço amorfo que se molda baseando-se na perspectiva do sujeito observador. Local onde existe uma “troca”, levando em consideração que a forma que a paisagem pode ser vista depende da maneira que o observador a enxerga, mudando conforme suas experiências vividas e visão de mundo, assim como a paisagem pode ensinar o sujeito que a observa. Não existe paisagem sem espectador, pois ela é, em última instância, uma construção subjetiva que emerge da interação entre os dois. A paisagem não é apenas um cenário objetivo, mas sim uma experiência que emerge da relação entre o sujeito e o mundo.

 É necessário entender que a paisagem é um lugar, um espaço geográfico existente no mundo real, mas, também, é um local pensante e independente, que pode estar fora da cobertura cultural. Isso ocorre porque ela não é apenas moldada pelas intervenções humanas e pela cultura que a rodeia, mas também possui autonomia própria, que transcende as influências culturais e pode existir em sua forma bruta e natural. Mesmo em locais pouco afetados pela atividade humana, a paisagem mantém suas características e sua capacidade de gerar sensações e pensamentos no observador

 Collot cria a ideia de um “pensamento-paisagem” (COLLOT, 2013 p.17), que, segundo o autor, acontece quando o indivíduo, em contato com a paisagem, tem a oportunidade de perceber a si mesmo enquanto contempla o mundo exterior, isto porque ela “não apenas dá a ver, mas também a pensar”. Isso significa que o indivíduo passa por uma experiência metafísica por meio da reflexão a respeito da natureza primacial do ser. A paisagem revela uma experiência entre sujeito e objeto, mostrando que ambos são inseparáveis.

 Uma obra literária que elucida essa tese é Sidarta, de Herman Hesse. Em determinado momento, o protagonista da obra, que dá título ao romance, tem contato com um senhor balseiro que dedicou a vida a levar passageiros ao outro lado de um rio. Curioso com sua grande sabedoria, Sidarta pergunta qual é a fonte de tanto conhecimento e o balseiro responde:

Quem me ensinou a escutar foi o rio e ele será teu mestre também. O rio sabe tudo e tudo podemos aprender com ele. Olha, há mais uma coisa que a água já te mostrou: que é bom descer, abaixar-se, procurar as profundezas. O rico e nobre Sidarta converte-se num remador; o erudito brâmane Sidarta torna-se balseiro. Também isso te sugeriu o rio. O resto, ele te ensinará ainda. (HESSE, 2021, p. 196)

 Herman Hesse apresenta a paisagem e a imagem do rio como uma entidade que possibilita um determinado desenvolvimento do personagem principal. Todavia, isso não ocorre por conta de o rio ser uma fonte que passa sabedoria a quem procura, mas, porque o contato com a paisagem proporciona uma viagem ao interior de si mesmo. O rio não é representado como uma fonte de sabedoria direta, mas como um catalisador para a exploração das profundezas da mente

 Nesse caminho, o horizonte também emerge como um elemento de primordial significância no âmbito da filosofia e da poética da paisagem. A representação da imagem do horizonte não somente incita a concepção de um deslocamento direcionado a um desfecho, mas também evoca a noção completa de um objetivo a ser alcançado. Esta temática, ricamente presente nas obras de João Guimarães Rosa, revela-se como um elemento recorrente, frequentemente entretecido à presença dos horizontes, ao mesmo tempo em que aborda, de maneira ininterrupta, a essência subjacente de uma jornada a ser empreendida. Tendo o percurso como uma metáfora, as narrativas rosianas tendem a propor uma acurada exploração da trajetória, que emergem como um empenho voltado ao desenvolvimento subjetivo inerente à natureza humana.

 Por fim, no que se diz a respeito à paisagem, a mesma deve ser entendida como um espaço que habita no literal/geográfico, mas, que se molda com base no subjetivo de um sujeito observador. E que um não existe sem o outro, pois, para que exista um ponto a ser observado, é necessário alguém que a observe.

**Identidade**

 Para entender aspectos sobre a identidade e conectá-los com o tema da viagem e da paisagem, é necessário entender sobre as mudanças que o conceito teve durante as épocas. Com isso, Stuart Hall (2006) afirma que tal definição passou por três mudanças com o passar do tempo. Isso permitirá visualizar como o entendimento da identidade não é apenas uma evolução conceitual, mas também uma chave para desvendar as variações da interação entre o indivíduo. Ao compreender a metamorfose da identidade ao longo dos anos, é possível explorar como a viagem e a paisagem desempenham papéis dinâmicos na formação e na expressão daquilo que se entende como "quem somos". Tais fases, definidas por Hall (2006) são: sujeito do Iluminismo, sociológico e pós-moderno. As primeiras percepções que são tidas sobre a identidade e concepção de sujeito tendem a mostrar que a ideia se baseava em um indivíduo completamente centrado e unificado. Sendo assim, o sujeito do Iluminismo nascia com um ideal formado e, ao longo do tempo, não mudava, apenas desenvolvia essa individualidade. Resumindo-se em um sujeito totalmente unificado, autônomo e dotado de razão.

Com o crescimento do mundo moderno, a complexidade da sociedade mostrou que o indivíduo não é autossuficiente, e que parte de suas características, valores e ideais eram baseados no contexto social em que ele estava inserido. Fomentando a ideia de que a identidade é moldada a partir da interação entre sujeito e sociedade, o que definiu o sujeito sociológico. Essa variação provocou uma série de criações identitárias e teorias idealistas. Com o início da pós-modernidade, e com o processo de globalização, o aspecto que se refere ao sujeito e a sua identidade sofre uma mudança brusca em sua concepção, fazendo surgir o sujeito pós-moderno. Essa mudança sugere que o indivíduo não é unificado, mas sim fragmentado em diversas partes que correspondem a toda a sua carga social, cultural e intelectual. Não existe sujeito que seja absolutamente centrado nos ideias que lhe são supostamente propostos, apenas um sujeito totalmente amorfo, baseado em uma extensa carga que segue sua existência e o seus arredores. O sujeito pós-moderno é poupado de uma identidade fixa e estável para uma identidade baseada em influências diversas.

A pós-modernidade como uma caracterização de um processo indefinido de rupturas e fragmentações compõe a estrutura natural de um conjunto de identidades disformes que se encontram em um eterno “deslocamento” social.

Esses aspectos mostram que a personalidade do indivíduo é criada a partir de experiências, isso faz com que, durante sua vida, traços definidos mudem. Levando isso para o aspecto literário, é de se entender que um determinado personagem tenha a possibilidade de mudar no decorrer da obra. Juntando essa ideia com o que foi visto sobre a paisagem, pode-se afirmar que a identidade do indivíduo tende a ser influenciada e que o contato entre humano e paisagem também é um contato cultural, social e interno.

**Viagem**

 A viagem tende a ser um tema bastante presente em diversas áreas das ciências humanas. Trata-se de um evento que pode ser importante para a formação de uma determinada mentalidade ou ideal. Na associação básica do termo, a viagem é o ato de partir de um lugar para outro, relativamente distante. Na literatura, a viagem também é um assunto recorrente, que aborda os aspectos introspectivos do sujeito, pois o leitor tem a chance de se aproximar, de alguma forma, do pensamento do personagem durante o processo em questão.

 Em *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, o leitor é introduzido a fundo nessa questão, uma vez que Dom Quixote parte para uma viagem em busca de um objetivo maior, baseado no seu ideal aventureiro. E, na narrativa posta, a viagem assume um papel fundamental a respeito de tudo que embarca a identidade e a evolução do protagonista, tendo em vista que determinados contatos ocasionados pelo percurso tendem a confrontar as ideias do sujeito, fazendo com que, assim, haja uma travessia existencial do personagem.

 Com isso posto, deve-se partir para a fragmentação do conceito. A viagem é um evento composto por três partes: o estar, o ir e o chegar. Todas elas compõem um conjunto de experiências que formam o que ela significa. Somando todo esse aspecto com um ideal subjetivo, a viagem pode compor um sistema de formação identitária muito maior, se olhada por um ponto de vista mais metafórico.

 Guimarães Rosa, em suas obras, compreende que a viagem é um evento composto por três partes, e claramente mostra que apenas o “estar” e o “chegar” (que representam respectivamente o início e o fim da jornada), recebem uma atenção significativa. No entanto, Rosa também argumenta que o ato de "ir", de se encaminhar em direção a outro lugar, carrega consigo um aspecto anabólico, um crescimento no processo de existência do indivíduo. Essa fase de "ir" pode ser compreendia como uma travessia, termo que Rosa utiliza de modo marcante na conclusão de sua obra Grande Sertão: Veredas.

Para entender do que se trata o termo, Benedito Nunes (2013) defende a ideia de que a viagem é um processo tão humano, que é inseparável do indivíduo, e que, por conta de uma troca que acontece durante esse transcurso, o ser humano e a viagem se “confundem” em uma experiência metafísica.

Nesse sentido, o Sertão de Guimarães Rosa coloca-se no mesmo plano da Mancha de Cervantes e da Dublin de Joyce. É o espaço que se abre em viagem, e que faz a viagem se converter em mundo. Sem limites fixos, lugar que abrange todos os lugares, o Sertão congrega o perto e o longe, o que a vista alcança e o que só a imaginação pode ver. […] É o lugar “onde os pastos carecem de fechos”, mas é, também, “onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”: a vida solta, com seus perigos, que ainda não se aprendeu a viver, algo indefinível, vazio algumas vezes outras cheio de forças violentas que se desencadeiam, da parte de Deus ou do Demo. (NUNES, 2013, p. 79)

 Com isso, a viagem, este leitmotiv rosiano, acontece na paisagem sertaneja, o sertão sem horizontes, sem fronteiras delimitadas, que, por isso, se converte num mundo ilimitado, lugar de viagens transcendentais, metafísicas e míticas, em que o protagonista pode encontrar o maravilhoso, os perigos, as encruzilhadas, casos de amor e de ódio, a existência, enfim. Daí, Nunes afirmar que “Existir e viajar se confundem” (2013, p. 80) e que as paisagens presentes nas narrativas de Rosa são meios de travessia humana.

 **A MUDANÇA DE IDENTIDADE E A VIAGEM SOB AS PAISAGENS DE “DUELO”**

A narrativa “Duelo”, de Guimarães Rosa, engloba todos os aspectos teóricos e filosóficos que abordam a ligação dos temas da viagem, paisagem e identidade, além de tratar sobre o que é a travessia rosiana.

Pela perspectiva em terceira pessoa, e com um narrador onisciente, “ Duelo” inicialmente conta uma história sobre vingança e fuga, que no meio se converte em viagem e acaba como travessia. Uma narrativa que é vista sob duas perspectivas: a primeira delas é a de Turíbio Todo, um seleiro que, ao ver sua esposa com outro homem, decide vingar-se, mas, por engano, acaba matando o irmão do alvo. O segundo ponto de vista é o de Cassiano Gomes, um militar com boa fama, exímio atirador e amante de Dona Silvana, esposa de Turíbio.

O foco principal da história é a perseguição de Cassiano Gomes a Turíbio Todo, o assassino de seu irmão. É durante essa caçada que os temas sobre viagem, paisagem e identidade se mostram presentes, transformando-a em uma travessia.

O tópico da viagem é o tema principal da obra, pois Turíbio Todo foge de Cassiano Gomes, o qual busca vingança. Nesse contexto, o leitor é colocado em uma situação em que a viagem e a paisagem se entrelaçam na narrativa; o sertão de Guimarães Rosa se mostra presente, assim como em *Grande Sertão: Veredas*, e, como tal, é representado por um caráter mítico e metafísico. Durante a caçada, o sertão-paisagem é descrito como um mundo mágico, no qual o duelo entre as forças do bem e do mal, do amor e do ódio, da vingança e do perdão vão entrelaçando os fios narrativos assim como os caminhos dos dois protagonistas. Nesta viagem-travessia paira, conforme observa Nunes (2013, p. 82), um fatum mais flexível que o da tragédia grega, assim é que embora Turíbio Todo e Cassiano Gomes jamais podem se encontrar, a narrativa termina com a intervenção de um terceiro, o capiau Timpim Vinte-e-Um, para dar fim a contenda, já quando tudo parecia em paz devido a morte de Cassiano. A escrita faz com que o retrato do sertão soe mágico ao leitor, sem utilizar nenhum método além de representá-lo como ele realmente é. Por exemplo:

...Altos são os montes da Transmantiqueira, belos os seus rios, calmos os seus vales; e boa é a sua gente... Mas, homens são os homens; e a paciência serve para vãos andares, em meados de maio ou no final de agosto. Garruchas há que sozinhas disparam. E é muito fácil arranjar-se uma cruz para as sepulturas de beira de estrada, porque a bananeira-do-campo tem os galhos horizontais, em ângulos retos com o tronco, simétricos, se continuando dos lados, e é só ir cortando, todos, com exclusão de dois. E... quê? O tatu-peba não desenterra os mortos? Claro que não. Quem esvazia as covas é o tatu-rabo-mole. O outro, para que iria ele precisar disso, se já vem do fundo do chão, em galerias sinuosas de bom subterrâneo? Come tudo lá mesmo, e vai arrastando ossadas para longe, enquanto prolonga seu caminho torto, de cuidoso sapador. (ROSA, 2017, p. 146)

Passagens como a descrita acima mudam a perspectiva da obra, fazendo com que, consequentemente, ocorra a mudança na perspectiva do leitor sobre determinado ambiente. Dessa forma, se o espaço demonstra-se calmo e sereno, assim não são os homens, que podem disparar armas, matar gentes e enterrá-las. Collot (2013, p. 45) corrobora essa ideia ao afirmar: “a paisagem não poderia se reduzir a um puro espetáculo. Ela se oferece igualmente aos outros sentidos, e tem relação com o sujeito inteiro, corpo e alma. Não apenas se dá a ver, mas também a sentir e a ressentir.” Durante a narrativa, Cassiano Gomes é obrigado a parar e achar abrigo no Alto do Mosquito, onde habitava um povoado pequeno e pacato. Sua parada deve-se a um problema cardíaco que o assolava. É no Alto que o narrador apresenta a paisagem baseada na perspectiva de Cassiano, e isso faz com que a sua subjetividade tome presença:

A paisagem era triste, e as cigarras tristíssimas, à tarde. Passavam uns porcos com as cabeças metidas em forquilhas, para não poderem varejar as cercas das roças. Passavam galinhas, cloqueando, puxando ninhadas para debaixo do marmelinho. E almas-de-gato, voando para os ramos escarlates do mulungu. (ROSA, 2017, p. 161)

Cassiano é acometido por um sentido de impotência, e não é somente devido a doença cardíaca, como também pela paisagem triste e pacata, sossegada e quase que imóvel no tempo. Olhar/contemplar a paisagem faz com que Cassiano vá mudando a sua identidade, corroborando com o conceito de pensamento-paisagem proposto por Collot (2013), no sentido de que a paisagem é um encontro entre o lugar e o observador, que faz ver e pensar. Como descrito também pelo autor francês, a paisagem é: “uma comunicação íntima entre o dentro e o fora” (COLLOT, 2013, p. 52), um percurso atravessado pela convergência entre indivíduo e paisagem.

Com isso, o aspecto da identidade também se faz presente, visto que a viagem muda ambos os personagens. Conforme Hall (2006), a identidade na pós-modernidade toma um caráter confuso, incerto e fragmentado, que é baseado no mundo que rodeia o indivíduo. E, conforme a viagem-caçada acontece, experiências ocorridas pelo ambiente que os cercam mudam os personagens e os seus ideais. Turíbio Todo sente saudade de sua esposa, mas decide partir para São Paulo na busca por dinheiro; enquanto Cassiano Gomes para no Alto do Mosquito e começa a mudar sua perspectiva. Ele percebe que a raiva que antes vinha por vingança torna-se uma raiva derivada de impotência, decorrente da incapacidade de conquistar seu objetivo.

 Isso é o que forma a travessia rosiana, onde todo o processo de deslocamento acontece no mundo exterior, mas também no interior do indivíduo, mudando a sua perspectiva, e com essa perspectiva, mudando a si mesmo e ao mundo à sua volta. “A paisagem é como uma vivência que é manipulada pela memória”. (FIGUEIREDO. 2013, p. 43). Entender a paisagem é entender um evento metafísico, totalmente abstrato, mas ainda assim material e compreensivo.

 Ainda no Alto do Mosquito, o leitor é apresentado ao capiau Timpim Vinte-e-Um, que carrega esse apelido por ser o vigésimo primeiro filho de sua mãe, sendo o mais novo deles. Pai de três filhos, em que dois estão mortos e um luta pela vida em meio a um ambiente hostil e precário, Vinte-e-Um é apresentado como uma imagem de pureza, lealdade e gratidão. Cassiano Gomes, antes de morrer por conta da sua condição cardíaca, também muda o seu pensamento sobre aquele ambiente e consegue achar conforto mesmo no fim da vida.

 Antes de partir, Cassiano expressa sua empatia por Vinte-e-Um e ajuda financeiramente seu filho. Dessa maneira, ele passa o legado de vingar a morte do seu irmão ao capiau, o qual também busca cessar a frustração de seu amigo e compadre. Isso envolve Vinte-e-Um em um processo de travessia: de indivíduo pacato – aquele que apanha do irmão mais velho porque a mãe ensinara que não se pode “levantar a mão p’ra irmão mais velho” (ROSA, 2017, p. 162) – transforma-se em assassino e vingador.

 Enquanto isso, Turíbio Todo recebe a mensagem da morte de seu rival e decide retornar à casa e à esposa. Mas, é perceptível que essa ida a São Paulo mudou a maneira como via as coisas: o sertão, que antes era rico e vivo para o mesmo, se tornou um lugar pacato e até mesmo sem vida: “– Por que é que uns como você não vão também trabalhar lá? Podiam ganhar dinheiro, aprender a viver. Isto, por aqui, não é vida, é uma misériamagra de fazer dó!... Se você quiser ir, eu explico tudo direito, te ajudo com dinheiro, até”. (ROSA, 2017, p. 167)

 Antes, Turíbio Todo valorizava a vida e a diversidade da natureza, no entanto, restou apenas um espaço vazio e que, para ele, não poderia mais ser qualificado como vida. Toda sua concepção sobre o existir naquele lugar mudou. Antes do ocorrido, Turíbio concebia uma existência tranquila, achava graça nos pequenos animais, buscava tranquilidade e não necessitava tanto do material, por isso não corria atrás do mesmo. Mas, baseado nas suas experiências, andanças e viagens, ocorre uma mudança de identidade, e isso faz com que o sertão, que antes era rico, se transforme em um espaço indiferente e sem importância

Nos galhos mais altos do landi, um saguim, mal penteado e careteiro, fazia gatimanhas, chiando e dando pinotes. Os cavaleiros estacaram. Turíbio Todo tirou o revólver e apontou. Mas o macaquinho se escondia por detrás do pau, avançando, de vez em quando, só a carinha, para espiar. E Turíbio se enterneceu, e tornou a pôr a arma na cintura (ROSA, 2017, p. 167).

 É nesse nomadismo rosiano que se pode entender a junção entre ser humano e viagem; é nele que se consagra a travessia e a mudança baseada na experiência de deslocamento, articulada pelo contato com a paisagem e com o mundo em si. É com a concepção de que é possível aprender com a viagem que Rosa vitaliza o sertão e os seus personagens. É por meio da mudança de perspectiva que o autor demonstra que a transformação pode acontecer com todos, apenas modificando os ideais do observador. E é dessa maneira que Guimarães Rosa mostra que o mundo é subjetivo e amorfo.

 O conto se encerra com Vinte-e-Um indo terminar o ofício que Cassiano Gomes o deixou. Enquanto Turíbio Todo volta em busca de sua esposa, tem o seu encontro com o capiau, que, com dor no coração, receio, e somente por promessa, mata Turíbio Todo, finalizando a obra. É importante perceber que todo esse processo e as situações ocorridas na vida de Vinte-e-Um fazem com que a sua concepção sobre o que é o mundo e sobre si mesmo mudem.

 Nesse desfecho, é vislumbrada a convergência dos indivíduos em uma jornada de travessia, onde as reviravoltas da vida têm o poder de redefinir completamente os caminhos planejados. Surge a ideia de que as consequências das dificuldades e derrotas talvez possuam um apelo mais profundo do que as conquistas e vitórias. Como mencionado por Rosa, a verdadeira essência da experiência não está na partida nem na chegada, mas sim se revela plenamente durante o percurso da travessia.

 “Duelo” emerge como uma narrativa que entrelaça diversas facetas, abarcando temáticas que abrangem o espectro do amor, vingança, paisagem, viagem e identidade. No cerne deste conto há uma incursão introspectiva no âmago dos protagonistas; um esforço para definir a metamorfose do caráter proteano do ser. O enredo se desdobra como uma exploração de um acontecimento que adentra o território metafísico, figurando como uma experiência iminente para todo indivíduo inserido no tecido social. Por meio de suas páginas, “Duelo” delibera sobre a essência do Ser, focalizando em seu processo contínuo e ininterrupto, uma reflexão que captura a eternidade desse fenômeno essencial. A narrativa apresenta a teoria rosiana sobre esse evento que acontece em vida, e sobre como é uma situação inevitável para todo indivíduo

 Guimarães Rosa foi um dos principais autores a representar o regionalismo brasileiro, na terceira fase do modernismo, e é com esse caráter que as suas obras buscam explorar a percepção de mundo dos personagens em questão. Entender a maneira que Rosa explica os seus ambientes é entender que a perspectiva sobre o mundo é individual e variável, e que a mudança é um projeto único e constante. Unir todos os temas estudados em um único evento auxilia a compreender e a desvendar o que é a travessia que Rosa tanto se refere. “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A narrativa “Duelo”, de Guimarães Rosa, encapsula e ilustra de maneira significativa a teoria rosiana sobre travessia, um evento essencial que ocorre na vida de dos personagens. A narrativa mergulha nas complexidades da existência humana ao explorar a interseção dos temas viagem, paisagem e identidade.

 Rosa, conhecido por sua habilidade em representar o sertão brasileiro com profundidade e simbolismo, não apenas descreve paisagens geográficas, e sim as carrega de significado subjetivo. A paisagem, para ele, não é apenas um cenário físico, mas um portal para a exploração interior do indivíduo. Como o narrador onisciente do conto que ao descrever o Alto do Mosquito, por exemplo, descreve também a tristeza da paisagem reflete o estado emocional do protagonista Cassiano Gomes, criando uma interação dinâmica entre o sujeito e o ambiente.

 A jornada dos personagens nesse contexto não é apenas uma viagem física, mas também uma travessia interior. A narrativa mostra que a viagem muda não apenas o ambiente ao redor, mas também os próprios viajantes. Turíbio Todo, inicialmente um homem simples e não ambicioso, é influenciado por sua viagem a São Paulo e volta com uma visão alterada do sertão, agora visto como um lugar pacato e sem vida. O militar Cassiano Gomes, em sua busca por vingança, experimenta uma transformação interna, pois sua raiva inicial se transforma, ao ser obrigado a fazer uma pausa no Alto do Mosquito, em impotência diante das circunstâncias. A perseguição desenfreada encontra, enfim, repouso, e caminhante e paisagem fundem-se numa mesma tranquilidade.

A identidade, conforme delineada por Hall, é vista como algo em constante evolução e influenciado pelo contexto social e experiências pessoais. Os personagens de “Duelo” ilustram essa dinâmica ao passarem por mudanças profundas em suas identidades durante suas respectivas jornadas, até mesmo o capiau Vinte-e-Um, inicialmente retratado como um homem simples e leal, depois levado a assumir o legado de vingança de Cassiano Gomes e, assim, se transforma em um agente de mudança.

Dessa forma, “Duelo” é mais do que uma história de vingança e caçada; é uma exploração rica e poética da complexa relação entre indivíduos, paisagem e identidade que convergem na travessia e revela a profunda interconexão entre o mundo exterior e o interior. Guimarães Rosa convida os leitores a contemplarem a natureza efêmera da vida e a constante transformação do ser humano em sua jornada por meio do mundo físico e interior.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes: 2004.

COLLOT, Michel. **Poética e Filosofia da Paisagem**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros. **Paisagem em três lições.** In: ALVES, Ida & FEITOSA, Márcia (Orgs.). **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: Eduff, 2010, p. 43-52

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006

HESSE, Herman. **Sidarta**. 68 ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

NUNES, Benedito. **A viagem**. In: \_\_\_\_\_\_. **A Rosa que é de Rosa**. Rio de Janeiro: DIFEL Editora, 2013.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. 72. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.